

Duas exposições com extremos da arte brasileira inauguram o Centro Cultural Banco do Brasil em Brasília, o segundo do país. O módulo *Arte Popular* e as esculturas de Amilcar de Castro colocam lado a lado o *naïf* e o neoconcretismo, o singelo e o sofisticado

Endereço das artes

Carlos Moura



ESCULTURA DE AMILCAR DE CASTRO GANHA TRATAMENTO ESPECIAL PARA ABERTURA DO CCBB PARA CONVIDADOS HOJE: CHAPAS DE FERRO SÃO FOLHAS DE PAPEL

Nahima Maciel
Da equipe do *Correio*

Depois de cinco meses de obras, em que foram consumidos R\$ 1,4 milhão (R\$ 600 mil a menos que o planejado), o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) está pronto para abrir as portas. A partir de hoje à noite, quando ocorre coquetel de inauguração para convidados, o Centro de Treinamento projetado por Oscar Niemeyer e localizado no Setor de Clubes Sul deixa de ser apenas um prédio de atividades internas da

instituição para dar início a uma trajetória ambiciosa: fomentar as atividades culturais em Brasília. As duas exposições de inauguração do espaço (que estará aberto ao público a partir das 12h de amanhã) foram escolhidas a dedo e propõem discutir momentos significativos das artes plásticas brasileiras.

O módulo *Arte Popular*, um dos 13 da *Mostra do Redescobrimento*, e as esculturas de Amilcar de Castro vão ocupar todo o espaço de exposições do CCBB. As duas salas — com 300 metros quadrados cada uma — estão

localizadas no térreo e subsolo de um dos três blocos do prédio. Elas recebem as 170 peças de *Arte Popular*, selecionadas uma a uma pelo curador e artista Emanuel Araújo.

Na área externa, estarão 20 peças de Amilcar de Castro, expressão mais importante da escultura contemporânea brasileira. “A idéia foi mostrar o que há de melhor na arte brasileira em linguagens distintas”, diz Paulo de Tarso Santos, diretor do CCBB. “De um lado temos Amilcar de Castro que é um neoconcreto e do outro um uni-

verso de artistas populares figurativos”, continua.

A exemplo do primeiro CCBB, inaugurado no Rio de Janeiro em 1989, o espaço brasileiro terá também café, livraria e teatro e vai funcionar nos mesmos moldes do centro carioca. O tamanho, no entanto, é diferente. O prédio do CCBB do Rio de Janeiro foi sede do Banco do Brasil até os anos 60. Localizado na Rua 1º de Março, no centro da cidade, foi reformado na década de 80 para abrigar dois teatros, uma galeria, restaurante, loja, salão de chá, bi-

blioteca, um museu e arquivo com documentos históricos da instituição.

Acabou virando centro de referência da programação cultural carioca, sediando importantes mostras de cinema como o *Curta Cinema*, *É Tudo Verdade* e o único festival brasileiro exclusivamente de animação, o *Animamundi*. Em março de 2001, é a vez de São Paulo ganhar um CCBB. O local escolhido foi um prédio na esquina da rua Álvares Penteado com a rua da Quitanda, no centro histórico da capital paulista.

ARTE POPULAR

MÓDULO DA MOSTRA
DO REDESCOBRIMENTO
APRESENTA 170 OBRAS
DAS 500 ORIGINAIS

A seleção de Emanuel Araújo para as peças do módulo *Arte Popular* que estarão no CCBB foi rigorosa. Ele precisou escolher apenas 170 obras entre as mais de 500 que formam o módulo original. “O espaço é muito pequeno, então privilegiávamos uma exposição de mestres, diferente da de São Paulo, mais sintética, com artistas que saíram do anonimato”, explica o curador. Apenas obras assinadas pelos artistas fazem parte da itinerância brasileira.

No primeiro andar da galeria estão os trabalhos mais coloridos como as tapeçarias de Madalena Santos Reinbolt, as telas com figuras zoomórficas de Chico da Silva e os bonecos em madeira do cearense Manuel Gracioso. Numa base redonda no centro da sala, sob uma clarabóia que permite iluminação natural, ficam dispostos os 17 leões arcaicos em cerâmica do pernambucano Nuca. Ainda no térreo, numa sala com música ambiente de José Miguel Wisnik e Tom Zé, o visitante poderá assistir a 480 slides com imagens do *Arte Popular*.

O subsolo contém a parte mais interessante do módulo. Em pequenos pedestais, divididos em três grupos, estão esculturas em madeira de GTO (Geraldo Teles de Oliveira), Família Julião e Artur Pereira, artistas com linguagens semelhantes. Logo à frente, uma vitrine com 10 bonecos de Mestre Vitalino sobressai pregada à parede. “O projeto é mostrar o

Mestre como se fosse uma jóia, porque hoje todo mundo tem um Vitalino”, conta Albert Sugai, um dos cenógrafos do escritório Brasil Arquitetura, responsável pela cenografia da mostra.

Do outro lado da mesma parede, três peças de Adalton Lopes repousam sobre pedestais. O artista carioca trabalha reminiscências de costumes ru-

rais em meio urbano. Os trabalhos apresentados em Brasília lembram brinquedos infantis, com pequenos bonecos e objetos em miniatura. Ainda no subsolo ficam as telas de Antonio Poteiro e Miriam. O primeiro é considerado um artista *naïf* e retrata figuras de contornos infantis e coloridos, enquanto a segunda faz crônicas do cotidiano pintando cenas

de manifestações populares e paisagens. Para receber o módulo, o CCBB instalou um sistema de umidificação e climatização nas duas galerias. A conservação das obras exige uma temperatura de 22 graus e a umidade deve ficar entre 60% e 80%. Para isso, duas máquinas com insufladores tratam de regular a quantidade de água no ar. (N.M.)



RETIRANTES DE MESTRE VITALINO: CURADORIA DA VERSÃO BRASILENSE DA ARTE POPULAR OPTOU POR OBJETOS ASSINADOS POR ARTISTAS QUE DEIXARAM O ANONIMATO

Reprodução

AMILCAR DE CASTRO

45 TONELADAS DE
ESCULTURAS EM FERRO

As esculturas de Amilcar de Castro não precisam dos mesmos cuidados que as peças de madeira, tapeçarias e telas de *Arte Popular*. A ação do tempo — vento, chuva e sol — fazem parte da obra. Por isso, as 20 esculturas que integram a exposição de abertura do CCBB estão ao ar livre, dispostas pelo gramado e asfalto do Centro de Treinamento.

Um primeiro olhar pode levar o observador a acreditar que todas as esculturas são parecidas. Na verdade, todas dizem a mesma coisa: Amilcar manuseia chapas de ferro como se dobrasse e cortasse folhas de papel. Imprime no ferro um aspecto leve e rude. O passeio pela exposição pode ser rápido. Mas se deter na observação de uma ou duas peças acaba sendo experiência curiosa.

ABSURDO GEOMÉTRICO

Amilcar está adentrando uma nova forma de trabalho. Se antes partia de polígonos regulares para desenhar suas esculturas — sempre resultantes de uma des construção geométrica — agora mistura e funde diferentes figuras. Um exemplo claro dessa forma de trabalho está na escultura redonda da qual emerge um triângulo delicadamente recortado do centro da chapa de ferro. Ou ainda na série que une retângulos e triângulos criando o que o crítico Ronaldo Brito — autor do texto do catálogo e em Brasília para montar a exposição — chama de “absurdo geométrico”.

“É um segmento de um retângulo que cai para trás e prossegue subindo e crescendo. É uma loucura do ponto de vista da tradição”, descreve Ronaldo. Duas outras características podem ainda reter a atenção: algumas das esculturas parecem prestes a levantar voo, enquanto outras deixam a sensação de que acabaram de pousar no solo. Isso para as peças menores, que formam maioria na mostra. Além delas, três esculturas foram deixadas na frente da sede do Banco do Brasil (Setor Bancário Sul) para chamar a atenção do público.

No total, são mais de 45 toneladas de ferro espalhadas pelo CCBB, precisamente contabilizadas pelo engenheiro e arquiteto Allen Roscoe da Cunha. Ele executa os projetos de Amilcar há mais de 15 anos e também esteve no Centro para acompanhar o deslocamento das peças. Allen sabe de cor o peso e as particularidades de cada uma. “Não há nenhuma dificuldade em executar os projetos do Amilcar, só surgem dúvidas normais quando há mudanças na espessura da chapa, ou quando a peça tem ângulo mais fechado. Mas isso é normal”, conta o arquiteto, responsável por comprar as chapas e entregar a peça pronta ao escultor. (N.M.)

CONFIRA AMANHÃ, NA CAPA DO GUIA, PROGRAMAÇÃO COMPLETA E DICAS DE COMO CHEGAR AO CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL.